

CAETANO W. GALINDO

Sim, eu digo sim

Uma visita guiada ao Ulysses de James Joyce



Copyright © 2016 by Caetano W. Galindo

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa

Raul Loureiro

Foto de capa

Popperfoto/ Getty Images

Preparação

Ana Cecília Agua de Melo

Índice remissivo

Luciano Marchiori

Revisão

Angela das Neves

Márcia Moura

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Galindo, Caetano W.

Sim, eu digo sim: uma visita guiada ao *Ulysses* de James Joyce / Caetano W. Galindo. — 1ª ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

ISBN 978-85-359-2700-9

1. Ficção irlandesa 2. Joyce, James, 1882-1941. *Ulysses* - Crítica e interpretação 3. Literatura inglesa - Autores irlandeses I. Título

16-00869

CDD-828

Índice para catálogo sistemático:

1. Joyce, James: Autores irlandeses:

Literatura inglesa: Apreciação crítica

828

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

<i>Boas-vindas</i>	9
<i>Algumas informações preliminares</i>	12
<i>Posologia e modo de usar</i>	53
TELEMAQUIA	57
1. Telêmaco	63
2. Nestor.....	73
3. Proteu.....	78
ODISSEIA	91
4. Calipso	95
5. Lotófagos	107
6. Hades	117
7. Éolo	130
8. Lestrigões.....	145
9. Cila e Caribde.....	158
10. Rochedos errantes	175

11. Sereias	193
12. Ciclope	209
13. Nausícaa.....	232
14. O gado do Sol.....	250
15. Circe.....	270
NOSTOS.....	299
16. Eumeu.....	303
17. Ítaca.....	318
18. Penélope.....	338
<i>Leituras recomendadas.....</i>	<i>355</i>
<i>Agradecimentos.....</i>	<i>359</i>
<i>Índice remissivo.....</i>	<i>361</i>

Boas-vindas

Este livro não é um tratado acadêmico sobre o *Ulysses*.

Ele também não é a chave de todos os enigmas nem a fonte de todos os dados.

Foi inteiro pensado para o “leitor comum” e prefere partir do princípio de que o *Ulysses* — complexo, denso etc. — de certa forma ainda padece por causa dessas reputações. Elas são todas verdadeiras, reconhecamos, mas talvez tenham obscurecido outros méritos e outros *atrativos*. A ideia básica aqui é a de que todo leitor interessado em literatura de qualidade tem a capacidade e o direito de passar pela experiência profundamente transformadora que é a leitura do romance de Joyce.

E não apenas os especialistas.

E não somente os obcecados por charadas e estruturas.

No entanto o leitor brasileiro se vê realmente privado em algum grau dessa possibilidade plena, e isso pela inexistência quase total de um aparato de auxílio em português. E é bem aqui que este livro pretende se colocar.

Mas, a bem da verdade, mesmo entre os vários *guias* de leitura do *Ulysses* que hoje estão disponíveis em inglês ou em outros idiomas, este aqui pretende ser um pouco diferente. O que ele quer mesmo te dar é uma visita guiada.

Muito mais do que *esquemas*, paralelos entre a obra e a vida de Joyce, interpretações de simbolismos, leituras segundo esta ou aquela corrente crítica, interpretações pessoais *originais* deste ou daquele aspecto, ou mesmo da totalidade do romance (todas coisas mais que relevantes, que eu mesmo já fiz e hei de continuar fazendo em outros lugares, e que têm aqui também *algum* espaço), o que ele quer ser é um acompanhante que caminhe página a página pelo livro, como que te levando pela mão e dizendo insistentemente “isso aqui é importante”, “isso aqui *vai ser* importante”. Um acompanhante que ande do teu lado mostrando as coisas a que você deve mesmo prestar atenção (e que têm enorme risco de passar despercebidas na primeira leitura, ou mesmo nas primeiras leituras), tentando te ensinar, não a ler o *Ulysses*, porque isso o próprio livro faz melhor que ninguém, mas a aprender com o livro.

Aprender sobre leitura, narradores, romances.

Aprender sobre Bloom, Dedalus e Molly. Sobre o padre Conmee, Bob Doran, Lenehan e até sobre Boylan. Sobre o *Ulysses*.

Aprender sobre gente. Sobre você, inclusive. Sobre literatura.

Assim, por exemplo, os famosos *quadros* de correspondências, símbolos e técnicas que o próprio Joyce forneceu aparecem comentados logo de início, para que a partir daí seja possível a gente seguir em frente de forma mais livre, mais ao sabor das páginas.

Pois, sim, é verdade que o *Ulysses* se baseia na *Odisseia* de Homero. Sim, é verdade que cada episódio se passa em determi-

nado horário, tem determinado símbolo e determinada técnica. E essas coisas são relevantes, estruturam mesmo o livro; são as vigas em torno das quais Joyce ergueu uma obra de precisão, abundância e detalhismo atordoantes.

E precisam ser abordadas. E são.

Mas eu trabalho com a convicção clara de que, apesar de serem elas que despertam o interesse da maioria dos leitores decididos a se aproximar do livro, os motivos que fazem com que imensas quantidades de leitores passem o resto da vida *relendo* o livro são definitivamente de outra ordem.

Porque o *Ulysses* mudou a história do romance. E pode até ter dado cabo dela. E este livro pretende também te fazer ver como isso aconteceu.

E o *Ulysses* pode mudar você. Como qualquer grande *romance*. E este livro pretende te dar a possibilidade de ver isso também.

Muito obrigado pela leitura.

Algumas informações preliminares

O nosso grande objetivo é ir direto ao texto do *Ulysses*. Mas, até para possibilitar que isso aconteça com uma produtividade maior, sem que seja necessário ficar parando a cada momento para dar conta de questões mais gerais e mais básicas, talvez seja melhor começar reconhecendo a importância e as implicações de certos temas amplos, que em alguns casos já puderam até dominar a crítica do *Ulysses* nessas décadas desde a publicação do livro.

Feito isso, a leitura episódio a episódio pode subir sobre solo firme, estabilizado.

Então me acompanhe, por favor.

UM GUIA

Afinal de contas, o que é o *Ulysses*, e por que ele soube parecer tão impenetrável e ao mesmo tempo tão fascinante para tantas gerações de leitores?

A resposta mais plena a essa pergunta, espero, virá quando você terminar a leitura do romance e deste guia. Mas talvez já caiba aqui adiantar alguns detalhes, a começar pela figura de James Joyce, pela sua produção anterior (e posterior) e pelas características gerais daquele que é considerado seu maior romance.

Quando Joyce publicou o *Ulysses* no dia 2 de fevereiro de 1922, data em que completava quarenta anos, já era considerado por uma boa parte do mundo bem informado em literatura como um dos mais promissores autores em atividade. Talvez o mais promissor.

Essa reputação se devia em parte aos trechos do *Ulysses* que já vinham sendo publicados havia anos em revistas literárias na Europa e nos Estados Unidos, num processo que, se de um lado serviu para consolidar o prestígio do autor, de outro foi o responsável pelas primeiras “deserções” entre seus leitores mais fiéis, que, satisfeitos com os primeiros episódios que leram, começaram a suspeitar da adequação e, acima de tudo, da “necessidade” das súbitas e radicais mudanças de estilo que regiam o restante do livro.

(O maior dentre esses promotores iniciais, posteriormente algo abalados em suas expectativas, era ninguém menos que o poeta americano Ezra Pound.)

Mas mesmo antes do primeiro episódio do romance ter vindo a público, o nome de Joyce já era algo conhecido. E isso se devia fundamentalmente aos dois livros de prosa cuja elaboração o acompanhava desde que se tornou adulto.

Tanto *Dublinenses* quanto *Um retrato do artista quando jovem* lhe custaram anos de elaborações, reelaborações e dificuldades de edição. E os dois têm grande relevância para o *Ulysses*. Como fornecedores de material prévio e, sobretudo, como momentos da *trajetória* técnica e criadora de Joyce.

Porque Joyce se singulariza de várias maneiras entre os prosadores do século xx: como o autor que mais forçou os limites da técnica romanesca; como um dos fundadores da obsessão moderna pela imbricação vida-obra... mas também como o escritor mais dedicado a um *projeto*, a um *trajeto*.

Lendo textos de prosa de Joyce na ordem da sua publicação, é difícil não termos a sensação de estar diante de uma intencional sucessão, quase que de uma *evolução* técnica. Ele desenvolvia uma forma de compor prosa, levava essa forma a seu grau mais extremo de desenvolvimento, e como que se desinteressava dela. Era sempre o *novo* que o tocava.

Em *Dublinenses*, de 1914, um livro de contos que teria servido para garantir a reputação de qualquer prosador, Joyce desenvolve um estilo realista que ele mesmo definiu como sendo de uma “maldade escrupulosa”. Trocando em miúdos, uma atenção aos mais crus e cruéis detalhes do cotidiano de uma cidade que ele amava e odiava, de onde saiu aos 22 anos de idade para nunca mais voltar (descontadas duas viagens breves), mas que presidiu seu imaginário e sua temática por toda a vida.

Em “Os mortos”, novela, ou conto longo, que fecha o volume, essa prosa sofisticada, flexível, que leva ao apogeu a técnica romanesca estabelecida desde Flaubert, atinge um refinamento quase inimaginável para um autor tão jovem. *Dublinenses*, afinal, foi publicado em 1914, mas começou a ser escrito mais de dez anos antes.

Em *Um retrato...* esse realismo ganha uma nova faceta. Além de termos toda a flexibilidade da prosa flaubertiana, já há no livro (um romance todo dividido em *episódios* mais ou menos autônomos) duas coisas que nos preparam para o *Ulysses*: uma mudança de técnica narrativa a cada um desses episódios e, mais ainda, o fato de que essas mudanças são motivadas por algo do enredo, do que se conta, do narrado.

O desenvolvimento do personagem principal (o alter ego Stephen Dedalus) é o que justifica o amadurecimento da prosa, que de início é confusa como as primeiras lembranças de uma criança pequena e termina com a autossuficiência de um adolescente (e não é à toa que esse trecho final consiste das entradas de um diário. Dedalus não precisa mais de narradores, ele como que *toma posse* do livro). No *Ulysses*, o ritmo da variação técnica será ditado pela passagem de um dia.

E essa *conexão* técnica-tema, grande novidade do primeiro romance, será uma das maiores contribuições de Joyce para o arsenal da prosa romanesca. Foi ela, justamente, que regeu a transformação do potencial calhamaço que seria o romance abandonado *Stephen Herói* nessa sua versão radicalmente enxuta e enxutamamente radical de 1916 que é *Um retrato do artista quando jovem*.

Os dois livros também forneceram personagens ao *Ulysses*, como o próprio Stephen Dedalus, que reencontraremos logo na primeira página do romance, além de figuras *menores* como Martin Cunningham e Bob Doran, que aparecem de passagem mas que, se levamos em conta o que já sabemos deles de antemão, podem ganhar uma estatura surpreendente. A bebedeira constante de Doran no *Ulysses*, afinal, deixa de ser um detalhe marginal e passa a ser um desdobramento algo doloroso da história que lemos no conto “Casa de pensão”.

Outro texto prévio e de interesse para uma leitura do *Ulysses* é a peça de teatro *Exilados*, escrita depois de *Um retrato do artista quando jovem*. Ali, menos que personagens e técnicas, o que podemos ver é uma espécie de ensaio temático. A peça toda (plenamente sustentável como obra autônoma, apesar de não ter sido muito encenada) se estrutura quase que como um exercício de exploração do tema do adultério, do adultério consentido, e de certo fascínio voyeurístico que se confunde com uma necessidade de ver confirmada a desejabilidade da mulher graças à cobiça dos outros homens.

Tudo isso será, de uma ou outra maneira, recuperado no *Ulysses*.